

FACEBOOKE O COMPLEXO DE ALICE¹

FACEBOOK AND THE ALICE'S COMPLEX

Caroline Janjacomio
Valdemir Miotello
Vinício Carrilho Martinez
UFSCar

Resumo: Este trabalho objetiva refletir sobre a atuação dos sujeitos nas redes sociais, e os possíveis efeitos desta para a constituição crítica da sociedade em geral. Partindo das discussões midiáticas sobre o vazamento de dados dos usuários do Facebook, este texto trava uma discussão crítica sobre o comportamento dos indivíduos no ciberespaço. Para tanto, é realizada uma associação da conduta dos sujeitos em rede às características da personagem Alice, na obra “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll (2014), ilustrando atitudes típicas nas mídias sociais, como a tentativa de adequação a estereótipos, oscilação de identidade, dentre outras. Este fenômeno é pensado tendo como referencial teórico principal Pierre Lévy (1999, 2011) e Zygmunt Bauman (1999, 2001, 2004, 2008), que se empenham nos estudos em torno das complexidades da interação social na atualidade, mas também Mikhail Bakhtin (2010, 2011), a fim de evidenciar o papel do Outro nas ações responsivas realizadas pelo Eu nas redes sociais.

Palavras-Chave: Redes Sociais. Alice no País das Maravilhas. Comportamento Social. Virtualização.

Abstract: *This work aims to reflect subjects' acting in social networks, and the possible effects of this to the critical constitution of society in general. Based on media discussions about Facebook users' data leakage, this text raises a discussion criticism about the individuals' behavior in cyberspace. For this, an association of subjects' behavior in network is made to the character Alice's characteristics in "Alice in Wonderland", by Lewis Carroll (2014), illustrating typical attitudes in the social media, such as the attempt to adapt to stereotypes, oscillation of identity, among others. This phenomenon is thought, taking as main theoretical reference Pierre Lévy (1999, 2011) and Zygmunt Bauman (1999, 2001, 2004, 2008), who are engaged in the studies around the complexities of social interaction in today, but also Mikhail Bakhtin (2010, 2011), in order to highlight Other's function in the responsive actions realized by the I in social networks.*

Key-Words: *Social Networks. Alice in Wonderland. Social Behavior. Virtualization.*

INTRODUÇÃO

Acontecimentos recentes em relação ao Facebook têm criado uma atmosfera de dúvidas e insegurança para seus usuários.

Segundo dados noticiados, as informações de mais de 80 milhões de pessoas que utilizavam a rede social foram adquiridas, sem consentimento, por uma empresa de análise de dados, que as cole-

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

tou através de um teste que circulava nesta mídia (G1, 2018). Ainda segundo a agência de notícias, os dados coletados podem ter sido utilizados na campanha de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos da América, e no processo de saída do Reino Unido da União Européia, Brexit – como ficou conhecido.

O escândalo levantou muitas dúvidas em relação a quem, afinal, está do outro lado da tela, por assim dizer. Mais especificamente, por quem estamos sendo observados e, até, talvez, vigiados?

Mas, além dessa questão, um segundo ponto de reflexão surge em meio a essa polêmica: como estamos nos comportando no ambiente digital/virtual? Ainda mais importante, como esse comportamento, multiplicado através de incontáveis indivíduos que interagem através da internet, caracteriza a nossa sociedade hoje?

Mediante tais questionamentos, este trabalho se dedica a fazer uma reflexão sobre a atuação dos sujeitos no contexto do ciberespaço, sobretudo, nas redes sociais, e a decorrente reconstrução das identidades. Para isso, iremos pensar a respeito do universo comunicacional construído por meio dessas mídias, destacando, dentre elas, em uma abordagem indutiva - ou seja, tendo por origem um caso particular para compreender a ordem geral - o Facebook, enquanto espaço caracterizado pela multiplicidade de vozes e discursos heterogêneos.

Desta forma, partindo de recentes notícias em torno da rede citada, veiculadas pela mídia aberta nas plataformas *online*, esta pesquisa se caracteriza como “básica pura”² (GIL, 2008), a fim de contribuir para os estudos gerais em torno das atuais formas relacionais humanas, que têm sido travadas, em muitos casos, por meio de ferramentas e campos digitais.

Assim, mediante referenciais teóricos, buscamos ponderar, generalizadamente, a presença dos sujeitos nas redes sociais, seus comportamentos e como isso afeta à vivência no plano atual da sociedade, segundo a diferenciação proposta por Pierre Lévy (2011) – virtual/atual, que veremos à frente.

Para tanto, além de Lévy (1999, 2011) e seu debate em torno dos conceitos de virtualidade e ciberespaço, trazemos para a discussão algumas contribuições de Zygmunt Bauman (1999, 2001, 2004, 2008), a fim de compreender as complicações individuais e coletivas da atuação das pessoas em rede. Mas, para observar esse fenômeno sob uma ótica que evidencie a subjetividade e singularidade dos sujeitos, o atual trabalho conta também com os estudos linguísticos de Mikhail Bakhtin (2010, 2011), e algumas pontuações de outros autores em torno da comunicação e da convivência pública, a fim de ampliar as condições para compreensão do tema.

Entretanto, colocando as redes sociais enquanto um espaço de convivência apartado dos desafios das relações no ambiente físico/atual, consideramos o Facebook enquanto um sítio próprio, onde há extrema valorização de esteriótipos. Para aprofundarmos essa noção, fazemos uma associação entre esta rede e os elementos da obra “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll (2014), comparando as propriedades que caracterizam o enredo da história - como fuga da realidade, adequação a padrões de comportamento e imagem sociais, desorientação, fantasia e falso sentido de comunidade - com aspectos comuns ao comportamento de quem navega pelo universo da mídia social em questão.

² “A pesquisa pura busca o progresso da ciência, procura desenvolver os conhecimentos científicos sem a preocupação direta com suas aplicações e conseqüências práticas. Seu desenvolvimento tende a ser bastante formalizado e objetiva a generalização, com vistas na construção de teorias e leis” (GIL, 2008, p. 26).

REDES SOCIAIS COMO LUGAR DE ENCONTRO COM O OUTRO. MAS QUE OUTRO?

Para Pierre Lévy (1999), a tecnologia é fruto de uma sociedade e sua cultura. Isso, portanto, implica na participação de um grande número de atores humanos, que se relacionam com as tecnologias (ou através/por meio delas) das mais diferentes formas possíveis. O autor ainda trata do conceito de ciberespaço, o qual define como “novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento” (LÉVY, 1999, p.32).

Neste contexto, o universo das redes sociais se mostra como expoente desse espaço de comunicação, o lugar onde os sujeitos se transformam em seus discursos, e suas vidas passam a se apresentar como textos, estes últimos compreendidos por Lévy (2011), no âmbito da virtualidade, como um objeto em ressurgência:

Mas convém não confundir o texto nem com o modo de difusão unilateral que é a imprensa, nem com o suporte estático que é o papel, nem com uma estrutura linear e fechada das mensagens. A cultura do texto, com o que ela implica de diferido na expressão, de distância crítica na interpretação e de remissões cerradas no interior de um universo semântico de intertextualidade é, ao contrário, levada a um imenso desenvolvimento no novo espaço de comunicação das redes digitais. Longe de aniquilar o texto, a virtualização parece fazê-lo coincidir com sua essência subitamente desvelada. Como se a virtualização contemporânea realizasse o devir do texto. Enfim, como se saíssemos de uma certa pré-história e a aventura do texto começasse realmente (LÉVY, 2011, p. 50).

Tal acontecimento permite uma grande interatividade entre sujeitos, o que é construído por estes em rede. Isso, por um lado, mostra-se um grande bem, no sentido em que promove, conforme relata Jenkins (2009), uma esperança de transformações através da participação ativa dos indivíduos.

Por outro lado, a hegemonia decorrente do uso das redes sociais representa também, de certa forma, uma ameaça. Assim, Jenkins (2009, p. 46) lembra que “alguns temem que os meios de comunicação fujam ao controle, outros temem que sejam controlados demais”. Deleuze (1992) aborda essa questão, propondo uma proximidade entre a comunicação e o controle: “o importante talvez venha a ser criar vacúolos de não-comunicação, interruptores, para escapar ao controle” (DELEUZE, 1992, p. 217).

Em meio a essas considerações, devemos destacar a presença do Outro no contexto relacional humano, o que nos leva a pensar que se comunica sempre para “um-outro-sujeito” que não nós mesmos. Bakhtin (2011) traz uma visão do sujeito onde a presença do Outro é fundamental, já que este representa o exterior do Eu, participando assim, da própria vida. Segundo o autor:

A vivência é uma relação com o sentido e com o objeto e fora dessa relação não existe para si mesma, nasce enquanto carne (carne interior) de modo involuntário e ingênuo, por conseguinte, não para si mas para o outro, para quem ela se torna valor a ser contemplado independentemente da significação do sentido, torna-se dotada

de valor enquanto o sentido se torna conteúdo (BAKHTIN, 2011, p. 105)

Sobre a figura do Outro, Bauman (1999) faz uma distinção que nos cabe compreender: os amigos, os inimigos e os estranhos. Segundo ele, enquanto os dois primeiros representam uma definição do tal Outro, o terceiro se impõe como “Outro-indefinido”, impossível de classificar. Para o autor, o “estranho” tem se mostrado cada vez mais presente na sociedade contemporânea. O emprego do ciberespaço na intermediação das relações, neste sentido, parece acentuar essa noção de Outro que não cabe na diferenciação amigo/inimigo. Assim, desenvolvendo uma compreensão a partir de Bauman (1999), e considerando os recentes acontecimentos midiáticos em torno do Facebook, os quais citamos anteriormente, pensamos em mais uma categoria: o Outro enquanto estranho invisível.

Ser amigo e ser inimigo são as duas modalidades nas quais o **Outro** pode ser reconhecido como outro **sujeito**, construído como “um sujeito como o eu”, admitido no mundo em que o eu vive, ser considerado, tornar-se e permanecer relevante (BAUMAN, 1999, p. 64, grifos do autor).

A presença deste que chamamos de “estranho invisível” é comum no contexto digital. Podemos não senti-lo ou percebê-lo, mas para ele, inversamente, somos conhecidos, visíveis, posto que já fomos classificados entre uma das categorias amigo/inimigo.

Entretanto, apesar de sua presença não poder ser definida ou medida, no que se refere ao momento em que ele está nos observando, tem-se a certeza de sua existência - a consciência de que se está sendo observado. As ações nas redes sociais são realizadas pensando-se sempre em como os discursos (combinação dos textos, imagens, vídeos, músicas, *memes*, etc.) propagados irão impactar os demais indivíduos.

A opção por ter um perfil em uma das possíveis redes sociais já demarca a necessidade de relação com o Outro. Em muitos casos, ainda, os indivíduos optam não somente por associar-se a uma dessas redes, como a várias delas, concomitantemente, alargando as possibilidades de interações com diferentes sujeitos, e transmutando-se em diversas representações textuais, conforme pede a mídia em questão - na verdade, quem navega por ela e a constitui. Por outro lado, redes sociais, como o Facebook, parecem conceder uma liberdade talvez sem igual aos sujeitos sociais.

Tendo por base conceitos freudianos, Bauman (2008) argumenta sobre o sentimento de felicidade. Para o autor, tal sentimento é decorrente da liberdade de seguir os desejos. Entretanto, segundo ele, a opção pela liberdade sempre oferece risco à supremacia da segurança. A liberdade, nas mídias digitais, parece ocorrer por meio de um alto nível de exposição e isso, de fato, fragiliza a certeza edificada pela segurança. É o que mostram os atuais escândalos noticiados. As denúncias de vazamento de dados de usuários do Facebook parecem atestar o preço a ser pago pela liberdade ofertada pelas redes digitais.

Mas o emprego da liberdade na exposição desmedida, que vale a ameaça constante da segurança ideológica e de outros tipos, tem caracterizado profundamente as relações no meio do ciberespaço. Isso pode, como veremos, criar algumas ilusões no que tange a representatividade de nossa identidade para Outro, bem como para nós próprios. Além disso, é válido ponderar que no contexto do ciberespaço também ocupamos a posição de Outro para os demais sujeitos circulantes neste universo, o que

nos faz refletir que, em alguns casos, somos nós quem desempenhamos o papel do Outro estranho, como explicado por Bauman (1999).

A REDE DAS MARAVILHAS

Tais reflexões trazem, naturalmente, à tona a questão: até que ponto nossa atuação no ambiente digital - como tem se dado, atualmente - é inofensiva para nossa própria constituição, enquanto sujeitos, e também para a formação de uma sociedade crítica? Tal pergunta nos serve para, neste sentido, propor uma ótica em relação ao comportamento expositivo que parece imperar no contexto das redes sociais, na medida em que associamos propriedades das ações típicas a essas mídias com o universo pensado por Lewis Carrol na obra “Alice no País das Maravilhas”.

Publicada em 1865, “Alice no País das Maravilhas” conquistou grande fama, tornando-se um dos clássicos da literatura infantojuvenil. No livro, Carroll (2014) conta a história de Alice, uma menina que, entediada, resolve seguir um coelho branco, que lhe parece peculiar por usar colete e trazer consigo um relógio de bolso. Perseguindo o animal através de sua toca, Alice adentra um mundo diferente, caracterizado pelo entrelaçamento de ilusão e realidade.

Fazendo um paralelo com a narrativa, o ambiente das redes sociais nos parece igualmente ímpar. Ele condiz, na obra, com a toca do coelho - uma passagem para um universo com regras próprias, onde temos a liberdade de agir de maneira diferenciada ao comportamento cotidiano. É como se, enquanto navegamos pelo ambiente digital, púdessemos assumir uma nova postura, não como indivíduos, mas como personagens integrantes de um texto, formado pelas informações, opiniões, dados particulares e, até mesmo, as imagens e fotografias compartilhadas em rede, tudo pensando para ser lido por um Outro. Lévy (2011) argumenta que a digitalização, não só do texto escrito, como de imagens, possibilita um espaço semântico onde todos podem contribuir com a produção de significados, seja comentando, compartilhando, curtindo, enfim, por meio de todas as oportunidades de interação fornecidas pela virtualidade.

Em relação ao virtual, cabe aqui um adendo. Lévy (2011) propõe que este conceito não se opõe ao real, mas ao atual. Segundo o autor, estar virtualizado consiste em estar desterritorializado, mas, ainda assim, isso não caracteriza uma irrealidade. Já o atual, como expõe, responde à virtualidade, é uma nova configuração. Lévy (2011) cita o exemplo da árvore, que estando presente na semente de forma virtual, haverá de atualizar-se, romper suas barreiras em direção a uma nova estrutura.

Assim, nos cabe lembrar que o ambiente das redes sociais é construído pelos inúmeros sujeitos que nele transitam, e suas interações, que caracterizam essas mídias marcadas pela virtualidade. Mas até que ponto a presença destes indivíduos é atual é a questão. Portanto, como podemos afirmar que as fotos que são publicadas nas redes são atuais? Ou seja, o quanto de retoques, filtros e máscaras existem nelas? Indo além nesta discussão, mesmo que sobre as fotos não haja nenhum recurso de edição, quantas delas representam as reais condições em que se encontram os sujeitos retratados? Quais imagens ou frases expressam as verdadeiras emoções destes sujeitos?

Segundo noticiado pela BBC (ESTUDO, 2016), um estudo realizado na Universidade de Co-

penhague, na Dinamarca, sugere que o uso do Facebook é capaz de deixar as pessoas mais tristes. Tal fato pode ocorrer porque, não só nesta, mas também nas demais redes sociais, existe uma tendência dos sujeitos a assumirem determinados estereótipos, os quais não condizem com o ser atual, ou seja, com as situações presentes, territorializadas, vivenciadas no aqui e agora.

Sobre isso, Bauman (2008) afirma que as questões em torno da identidade têm atraído todas as atenções nos dias atuais. Para o autor, a modernidade colocou o mundo em movimento, fazendo nascer uma necessidade de remodelagem das coisas, e isso envolve as individualidades.

O universo das redes sociais apresenta suas próprias regras de socialização. Nele, pode ser mais fácil ignorar o que nos desagrada, bloqueando, não aceitando, não interagindo, ou exigindo que Outro seja como idealizamos que deve ser para o aceitarmos em nosso círculo de convívio virtual. “A ‘predestinação’ foi substituída pelo ‘projeto de vida’, o destino, pela vocação - e a ‘natureza humana’ na qual cada um nasceu foi substituída pela ‘identidade’, que cada um precisa podar e adaptar” (BAUMAN, 2008, p. 181).

No entanto, somos nós quem aceitamos a exigência do movimento e adequação constantes impostos pela modernidade, e isso instigou a urgência de intensificar tudo aquilo capaz de nos distrair do que é desagradável por algum motivo e nos dar uma falsa noção de atualidade. Nos tornamos seres de representatividades efêmeras, e de necessárias intensificações, como aponta Lévy (2011), que afirma que este fenômeno ocorre em resposta à potencialização da virtualidade. Devemos, portanto, abordar a questão das intensificações.

O COELHO BRANCO

Buscando compreender essa ânsia humana moderna, vamos retornar à obra literária de Carroll (2014). Como lembramos, o que atrai a atenção de Alice é o Coelho Branco, que, apressado, passa pela menina, interrompendo seus devaneios decorridos do tédio:

[...] pois passou pela sua cabeça que nunca tinha visto um coelho vestindo colete, muito menos usando um relógio, e, morta de curiosidade, saiu correndo pelo campo atrás dele e chegou bem a tempo de vê-lo se enfiar apressadamente dentro de uma toca enorme embaixo de uma cerca (CARROLL, 2014, p. 17).

O coelho é a fuga de um dia enfadonho enfrentado por Alice. Ele lhe dá a oportunidade de vivenciar uma aventura, começando pela intensa queda sofrida por ela ao tentar perseguir o animal através de sua toca.

Quando Lévy (2011) afirma que a sociedade atual possui uma urgência de intensificações, ele destaca os esportes radicais como um exemplo de meio utilizado para afirmar-se no presente territorial. Mas, ainda segundo o autor, tais práticas envolvem um sentido de perigo, uma possibilidade de mortalidade, o que enfatiza a noção de presente, de atualidade.

Apesar de favorecerem a virtualidade, as tecnologias digitais também podem oferecer um tipo de intensificação. Se não recorrendo ao sentido de aqui e agora, estes aparatos permitem afirmar-se por intermédio da busca pelo que traz júbilo; e, por outro lado, por meio do fácil bloqueio do que é

desinteressante. Quando Bauman (2001) fala a respeito da extraterritorialidade do sinal eletrônico, ele traz do conceito de pós-Panóptico propriedades como “[...] a fuga, a astúcia, o desvio e a evitação, a efetiva rejeição de qualquer confinamento territorial [...]” (BAUMAN, 2001, p. 18).

Este contexto apontado por Bauman (2001) na fala anterior, reflete que o ambiente virtual típico do ciberespaço não é um reino próprio, mas um espaço coletivo³. Dentro desta perspectiva, é válido evidenciar que, se existe a liberdade de evitação de alguém ou alguma coisa que parece inadequado aos padrões idealizados nas redes sociais (no Facebook, por exemplo, seja através da não aceitação de um convite de amizade, seja através do bloqueio de um contato, ou, ainda, de outras formas disponíveis), esta é uma noção de falso poder, afinal, também se pode ser vítima de uma não adequação aos padrões do Outro.

Neste sentido, vivenciar relações em uma rede social é também uma busca de adaptação indefinível, o que pode levar a perder de vista a verdadeira identidade. Os constantes ajustes pessoais podem parecer uma exigência interior aos sujeitos, entretanto, o quanto das adequações são realizadas pensando na impressão a ser causada no Outro? É necessário, portanto, discutirmos o papel da exterioridade na constituição do Eu.

QUALQUER CAMINHO SERVE SE VOCÊ NÃO SABE PARA ONDE IR

Para abordarmos essa esfera da discussão, podemos lembrar de um importante personagem para Alice, que ao impor um questionamento à menina, a leva a refletir sobre si mesma e sua jornada no País das Maravilhas. Em um momento da trama, a heroína se depara com uma grande lagarta azul. Esta lhe pergunta:

- Quem é você?

Não se pode dizer que esse foi um começo de conversa muito animador. Alice respondeu, meio encabulada:

- Não estou bem certa, senhora... Quero dizer, nesse exato momento não sei quem sou... quando acordei hoje de manhã, eu sabia quem eu *era*, mas acho que já mudei muitas vezes desde então... (CARROLL, 2014, p. 47).

O trecho da narrativa acima pode ser comparado de forma interessante ao comportamento habitual dos indivíduos nas redes sociais. A necessidade de adotar uma conduta perante os outros sujeitos que circulam pelo universo digital/virtual, pode resultar, em alguns casos, na indefinição da própria personalidade. O Facebook, por exemplo, tem como característica a possibilidade de expressão através da combinação entre imagens e textos, além de novos recursos que surgem de tempos em tempos, como é o caso das *hashtags*⁴, ou dos *memes*⁵, por exemplo. Assim, as expressões nestas mídias

³ De certo modo, não é exatamente o espaço público como Polis, em que se afirma a Política e o “fazer-política”, mas um espaço público que vai sendo privatizado, ajustado a nossa cara e semelhança, ainda que escondidos sob as máscaras do Outro-estranho, que tanto causa, quanto se aflige de “estranhamentos”. Existe neste espaço uma urgência por liberdade - de “ser-livre-para-ver-o-Outro”. A liberdade, no entanto, traz consigo a noção de poder (MARTINEZ, 2010).

⁴ Termo precedido pelo sinal de cerquilha, que é utilizado para marcar e agrupar as expressões de mesma grafia em determinada rede social.

⁵ Breves expressões de imagens e textos, ou vídeos, com teor humorístico, geralmente, disseminados via redes sociais.

são realizadas, muitas vezes, seguindo tendências de momento, o que leva os indivíduos a agir, neste meio, em resposta a padrões estabelecidos pelo Outro.

Desta forma, é importante trazer para esta discussão contribuições da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin (2010, 2011). Para este autor, a presença do Outro é fundamental. Segundo ele, nossa vivência se dá sempre em relação à exterioridade.

Moura e Miotello (2014) levantam, através de uma visão bakhtiniana, a questão do dialogismo, que para os autores não é, na verdade, uma iniciativa própria do Eu, mas um ato responsivo frente à presença do Outro. Nesta linha de raciocínio podemos pensar no quanto nos manifestamos nas redes sociais através de expressões condizentes à nossa personalidade e o momento vivenciado, e o quanto, por outro lado, agimos em resposta a estereótipos impostos por outros neste meio. A utilização massiva de ferramentas de edição, como *Photoshop*, por exemplo, apontam esse comportamento.

Já as edições e construções textuais realizadas em prol das chamadas *fake news* são equivalentes à estratégias políticas para moldar ideologias, como apontado por Jenkins (2009). O vazamento de dados ao qual nos referimos no início deste artigo, neste sentido, oferece também o risco de manipulação das consciências em rede, na medida em que as informações obtidas podem ser empregadas para criar padrões de comportamento e estereótipos que favoreçam resultados políticos/ideológicos.

Se nossa vivência, mediante o que vimos através das teorias bakhtinianas, é um ato de responsividade, é possível que estejamos reagindo a um modelo de conduta programado e disseminado nas redes e, assim, contribuindo para que ele se fortifique cada vez mais. Mediante essa ocorrência, todavia, estamos ameaçados de, assim como Alice, cairmos em uma profunda confusão de identidade, afinal, qual o objetivo desse comportamento? Agradar ao Outro? Um Outro constantemente mutável, que impõe tendências efêmeras?

Na vida cotidiana, física, ou seja, fora das relações travadas no ciberespaço, as ações também são responsabilidades frente à figura do Outro. Segundo as pontuações de Moura e Miotello (2014), neste ato responsivo que constitui a vivência, se contempla o Outro sempre com um posterior retorno ao Eu. Desta forma, a presença do Outro incompleta o Eu, que através da resposta torna-se completo, mas apenas momentaneamente, como destacam os autores. No entanto, nesse ambiente materializado, as formas se mantêm por maior tempo, o Outro a quem respondemos é, geralmente, figura conhecida - amigo ou inimigo, como trata Bauman (1999) - a responsividade é mais fiel à personalidade do indivíduo, apontando suas qualidades e defeitos.

Enquanto isso, as redes sociais podem parecer um verdadeiro País das Maravilhas: os melhores ângulos das faces e corpos são valorizados nas imagens de perfil, frases e textos massacraram opiniões contrárias em prol do que é ditado “corretamente” pela maioria, a felicidade se mostra uma presença constante. Tudo parece distinto do que é a vida fora desse meio, embora haja uma tentativa de trazer elementos dos processos relacionais do cotidiano desta última⁶. No ambiente materializado, não raras vezes, é obrigatório encarar o que nos desagrada em nós e nos outros, e lidar com as múltiplas características de um determinado tema, o que pode abalar nossas convicções pessoais. No contexto

⁶ Em “À Sombra das Maiorias Silenciosas” (BAUDRILLARD, 1993, p. 34) pode-se ver o mesmo sentido: “O povo tornou-se público. É o jogo, o filme ou os desenhos animados que servem de modelos de percepção da esfera política [...] Em momento algum as massas são engajadas de modo consciente política ou historicamente”.

fora da internet, geralmente, não temos tempo hábil para acessar uma ferramenta de busca e contra-argumentar da forma que parece mais adequada, temos de fazer uso do próprio repertório de informações, o qual foi acumulado ao longo do tempo.

Observa-se nas redes sociais uma vivência que se dá apenas no mundo da cultura, um universo, segundo Bakhtin (2010), diferente do mundo da vida: “como resultado, dois mundos se confrontam, dois mundos absolutamente incomunicáveis e mutuamente impenetráveis: o mundo da cultura e o mundo da vida (este é o único mundo em que cada um de nós cria, conhece, contempla e morre) [...]” (BAKHTIN, 2010, p. 43). Desta forma, as ações nas mídias sociais, muitas vezes, são válidas apenas lá, neste meio. Fora dele, é urgente encarar a relação com o Outro materializado. No mundo da vida concreta, os filtros não funcionam tão bem, e a personalidade real, com seus êxitos e frustrações, é lançada no contexto interacional.

Em um ambiente, prioritariamente, estético como descrevemos as redes sociais, parece natural a existência do sentimento de impotência, afinal, existe uma tentativa contínua em adequar-se a padrões constantemente mutáveis, logo inatingíveis - pois que regras de valor são alteradas a todo momento. Esse acontecimento, para Bauman (2001), é próprio da modernidade. Sua teoria de liquidez representa bem a questão que apontamos nas mídias sociais, onde reina uma incapacidade de se manter formas estáveis por muito tempo. “[...] Assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas ‘por um momento’” (BAUMAN, 2001, p. 8).

Neste contexto, assim como na obra de Carroll (2014), onde Alice precisa crescer e diminuir a todo instante para continuar sua saga pelo País das Maravilhas (ora precisa ser grande para alcançar a chave sobre a mesa, ora precisa tornar-se minúscula para atravessar a pequena porta que dá acesso ao jardim), a tentativa de adequar-se a esteriótipos pautados na efemeridade pode exigir alterações constantes nos sujeitos, seja fisicamente, ideologicamente, ou no que se refere ao comportamento⁷. Muda-se, assim, tantas vezes e em um espaço de tempo tão curto, que pode-se chegar a uma perda da noção da verdadeira identidade, como acontece com Alice: “- Acho que não consigo ser mais clara, senhora (...) Porque, para começar, nem eu mesma consigo entender. Esse negócio de mudar de tamanho tantas vezes num só dia é muito confuso» (CARROLL, 2014, p. 47).

A confusão que assola a personagem se revela não somente no que diz respeito à identidade da menina, como também na decisão de qual caminho deve seguir. Na história, Alice pergunta ao Gato de Cheshire (que além de falar e desaparecer quando quer, também está sempre sorrindo - uma semelhança com a presença dos sujeitos virtualizados no ciberespaço) qual caminho deve tomar. O Gato por sua vez pergunta para onde a menina quer ir, e a isso ela não tem uma resposta. Sendo assim, lhe responde o gato: “nesse caso, qualquer caminho serve” (CARROLL, 2014, p. 60).

⁷ “Na produção social da sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. [...] A transformação da base econômica altera, mais ou menos rapidamente, toda a imensa superestrutura. Ao considerar tais alterações é necessário sempre distinguir entre alteração material – que se pode comprovar de maneira cientificamente rigorosa – das condições econômicas de produção, e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, em resumo, as formas ideológicas pelas quais os homens tomam consciência deste conflito, levando-o às suas últimas consequências” (MARX, 2003, p. 05).

Os “caminhos” no universo das redes sociais, podem ser associados aos ideais a serem seguidos pelos sujeitos circulantes nesse meio. Bauman (2008) faz a análise de uma reflexão realizada por Ehrenberg⁸, que indica um diagnóstico dado por Janet em alternância ao de Freud, no qual a falta de ideais é apontada como a principal tormenta dos sujeitos contemporâneos.

A depressão - o sentimento da própria impotência, da incapacidade de atuar e particularmente da incapacidade de atuar de **maneira racional**, para ser adequado às tarefas da vida - torna-se a *malaise* emblemática de nossos tempos modernos tardios ou pós-modernos (BAUMAN, 2008, p. 60, grifos do autor).

Neste contexto, podemos pensar no comportamento dominante da sociedade nas redes sociais como um processo de valorização de estereótipos, onde se destaca a necessidade de se encontrar um caminho de adaptação a modelos de vivência idealizados. Entretanto, como vimos com Bauman (2001) através do conceito de liquidez, se existe uma efêmeridade na composição das formas estáveis, não se pode achar um caminho, já que não se sabe ao certo onde se quer chegar, o que leva, naturalmente, ao sentido de impotência. Esta última aparece, comumente, com a convicção de não aceitação, fator comum às relações travadas no ciberespaço.

CORTEM-LHE A CABEÇA!

O fator da desaprovação tem a ver, diretamente, com a influência da figura do Outro sobre o Eu. Com a migração das relações para as redes sociais, travamos dialogismo com sujeitos que já estavam classificados em nosso ambiente físico - como amigos ou inimigos - mas também com sujeitos cuja classificação se mostra impossível, o que os caracteriza como estranhos, conforme reflexão de Bauman (1999), a qual nos referimos anteriormente.

A consciência de que estamos sendo observados, no entanto, leva à constante tentativa de ajustamento aos modelos comportamentais em vigor. Bauman (2004) argumenta que, devido ao ambiente de liquidez existencial vivenciado atualmente, nossa sociedade é caracterizada por indivíduos marcados pelo desgaste das tentativas inconclusas de adequação social. Tal como a personagem de Carroll (2014), parecemos estar perdidos e desorientados na virtualidade digital. Falamos e opinamos sobre tudo, mas não se sabe qual a profundidade de nossas expressões, as quais, de todo modo, integram a construção subjetiva da nossa imagem nesse meio, que se torna um grande hipertexto pronto para ser lido. Sobre esse último argumenta Lévy (2011):

A hipercontextualização é o movimento inverso da leitura, no sentido em que produz, a partir de um texto inicial, uma reserva textual e instrumentos de composição graças aos quais um navegador poderá projetar uma quantidade de outros textos (p. 42).

Assim, nossas formas de expressão tornam-se pontos de partida para novos temas, novas informações, mas, no entanto, não é raro que estas sejam superficiais e levem a uma compreensão

⁸ EHRENBURG, Alain. *Lafatigue d'être soi: dépression et société*. Paris: Odile Jacob, 1998.

equivocada de nossa personalidade.

É importante ter em mente, que ocupa-se a posição de Outro frente aos demais sujeitos, existindo sempre a possibilidade de ser você quem não atende ao nível de adequação social vigente. Como reflete Bauman (2004):

Todo modelo de ordem é seletivo e exige que se cortem, aparem, segreguem, separem ou extirpem as partes da matéria prima humana que sejam inadequadas para a nova ordem, incapazes ou desprezadas para o preenchimento de qualquer de seus nichos. Na outra ponta do processo de construção da ordem, essas partes emergem como “lixo”, distintas do produto pretendido, considerado “útil” (BAUMAN, 2004, p. 68).

Em “Alice no País das Maravilhas” (CARROLL, 2014), a personagem principal, finalmente, conhece a Rainha, uma figura da qual ela muito ouviu falar durante sua jornada, e que percebeu ser temida pelas demais personagens que encontrou no caminho. A menina descobre, então, que tal fama se deve à personalidade irritadiça da monarca, cuja atitude muito comum é ordenar cortar a cabeça de quem dela discorde, ou aja de forma que lhe desagrade.

Em determinada passagem da obra, os jardineiros reais (que na trama são cartas de baralho - todas muito semelhantes entre si - tal como os esteriótipos que temos discutido) tentam pintar de vermelho as flores de uma roseira branca, já que a vontade da Rainha era que tivessem sido plantadas roseiras vermelhas. Perante o fracasso da tarefa em tempo, a tirana vê as rosas tingidas pela metade, e descobrindo, assim, que não foram plantadas as flores que ordenou, determina que sejam cortadas as cabeças dos jardineiros.

As tentativas infrutíferas de adaptação no ambiente de socialização virtual - no Facebook, que estamos nos dedicando - também costumam ser punidas, se não com o corte de cabeças, com o bloqueio de contatos. Bauman (2004) lembra que, para Carl Schmitt, a soberania, enquanto campo dos detentores/guardiões da ordem, é de quem realiza e decide entre o valor e o não-valor (*desvalor*), a regra e a exceção, mas que isso só pode ocorrer mediante a identificação entre o lado de dentro e o lado de fora do reino do soberano⁹. O problema, nos parece, é que cada indivíduo tem sua própria compreensão da distinção entre o lado de dentro e o lado de fora.

Retomemos Bakhtin (2010) a fim de perceber o processo de compreensão para os sujeitos.

Compreender um objeto significa compreender meu dever em relação a ele (a orientação que preciso assumir em relação a ele), compreendê-lo em relação a mim na singularidade do existir-evento: o que pressupõe a minha participação responsável, e não a minha abstração (BAKHTIN, 2010, p. 66).

Mas cada sujeito compreende das relações nas redes sociais limites divergentes entre o aceitável e o recusável. A questão que levantamos neste contexto é: se excluir um sujeito do convívio virtual é um ato responsivo frente sua presença - que não se regulou ao esteriótipo idealizado - quantos de

⁹ Daí o surgimento da figura marcante de hostis, nos tempos atuais, com a transformação do adversário no inimigo hostil: mesmo que Schmitt não admita claramente, a afirmação de um Estado de Negação é realmente forte e de longa data: “Soberano é quem decide sobre o Estado de Exceção Permanente” (SCHMITT, 2006, p. 07).

nós estão, na realidade, adequados, simultaneamente, ao que se pede socialmente, e ao que exige nossa própria constituição subjetiva? Quantos de nós estão pintando as rosas de vermelho, mesmo preferindo as brancas?

CONSIDERAÇÕES FINAIS: TODOS OS CAMINHOS VIRTUAIS LEVAM À ATUALIDADE

Frente à confusão de Alice, quando o Gato lhe responde que qualquer caminho serve, já que ela não sabe onde quer chegar, o diálogo continua:

- ... conquanto que eu chegue a *algum lugar* (...) - completou Alice, para se explicar melhor.
- Ah, mas com certeza você vai chegar, desde que caminhe bastante. Como isso lhe pareceu incontestável, tentou lançar outra pergunta (...) (CARROLL, 2014, p. 60, grifos do autor).

Mas onde se quer chegar é a questão que norteia toda a trajetória da personagem durante a trama. A aventura de Alice pelo País das Maravilhas parece, na verdade, ser apenas uma fuga da realidade entediante que a personagem vivencia.

Foi neste sentido que fizemos um paralelo da obra de Carroll com o comportamento, na atualidade, de nossa sociedade nas redes sociais. Não buscamos aqui condenar tais redes, mesmo porque sabemos que elas fazem hoje parte do universo social, sendo empregadas em diversos objetivos de comunicação. Queremos, todavia, apontar o perigo de perder a si mesmo, a própria personalidade, em meio às inúmeras tentativas de adequação que são pedidas neste meio.

Concordamos com Jenkins (2009) que aborda o surgimento da rede de computadores como um benefício social, uma vez que isso promoveu uma maior capacidade de expressão aos sujeitos. Mas pretendemos, com este texto, levar a uma reflexão capaz de combater a alienação sobre a forma como nos portamos nas mídias sociais. Tal reflexão, acreditamos, deve se pautar na consciência de que somos observados por outros sujeitos, que, como lembramos através de Bauman (1999), podem estar classificados como amigos, inimigos, ou estranhos, mas que ocupam, em qualquer um dos casos, a posição de Outro.

Mostra-se necessário observar como os comportamentos e expressões individuais afetam nossa vivência e a dos demais sujeitos que nos cercam atual ou virtualmente, uma vez que as redes sociais constituem uma janela de visibilidade ampliada, na medida em que promovem certa abertura interpretativa e favorecem o comunitarismo. No entanto, conforme lembra Bauman (2001), acomodar-se no sentido de comunidade pode ser um atestado de não fazer parte dela de fato.

Esse é o paradoxo interno do comunitarismo. Dizer “é bom ser parte de uma comunidade” é um testemunho oblíquo de **não** fazer parte, ou não fazer parte por muito tempo, a menos que os músculos e mentes dos indivíduos sejam exercitados e expandidos. Para realizar o projeto comunitário, é preciso apelar às mesmíssimas (e desimpedidas) escolhas individuais cuja possibilidade havia sido negada (BAUMAN,

2001, p. 195, grifo do autor).

Da mesma forma que Moura e Miotello (2014), em uma visão bakhtiniana, apontam o Outro como quem incompleta o Eu, no sentido em que é a presença dele que sempre nos leva a novos horizontes de vivência, vale lembrar, conforme já vimos, que também somos Outro para os demais sujeitos. Quando nas redes sociais, integramos, de fato, uma comunidade virtual, nossos atos levam os demais integrantes desta a tentar alcançar as perspectivas que propomos, exatamente como o hipertexto discutido por Lévy (2011), que citamos anteriormente.

Se o próprio ato de compreensão é, para Bakhtin (2010), um ato responsável, nossas ações em rede, enquanto responsividade à vida externa a nós, refletem a compreensão que temos do mundo. Portanto, vale sempre o questionamento: no conjunto de ações que externamos no ambiente virtual/digital, como estamos contribuindo para a formação de uma sociedade responsável no sentido comunitário?

O fato é que, enquanto o espaço das redes sociais oferta as condições de um verdadeiro País das Maravilhas, onde somos como gostaríamos de ser, assumimos nele imagens construídas para atender às nossas expectativas frente à imposição da presença do Outro. Bakhtin (2011) trabalha com o conceito de exotopia. Ela ocorre na contemplação de um sujeito externo que sempre apresentará uma vivência diferente da do observador, pois cada vivência, tal como cada indivíduo, é singular. A visão que se tem do sujeito externo é, para o autor, inacessível a ele, pois que este está sendo observado de fora, onde não só é possível vê-lo de corpo inteiro, como se pode enxergar suas expressões e o mundo que se apresenta às suas costas. Entretanto, conforme pontuam Moura e Miotello (2014), na contemplação que se faz do Outro, existe sempre um retorno ao Eu, para que este possa integrar o que contemplou à sua vivência própria.

Assim, nos parece que as exigências edificadas nas relações construídas nas mídias sociais, apesar de partirem do reconhecimento da figura do Outro, são também respostas às metas interiores, que jamais poderão ser alcanças por completo, pois sempre existe um novo Outro para oferecer distintos padrões de adequação. Neste contexto, comportamentos voltados unicamente para o júbilo do ego, multiplicados socialmente através das redes sociais, podem enfraquecer o real sentido de comunidade, onde o Outro é quem oferta diferentes horizontes de vivência, mas, por isso mesmo, valoriza-se a singularidade de cada indivíduo.

Efetivamente, conforme lembra Lévy (2011), o virtual sempre busca atualizar-se e o atual será sempre instigado à virtualização, formando um movimento cíclico. Se enquanto estamos navegando pelas redes sociais, desterritorializados, somos virtuais e agimos de acordo com regras próprias deste meio - que não deixa de ser real - sempre haveremos de retornar para o nosso espaço atual, físico, territorializado, cujas relações, apesar de mais complexas, são, com efeito, mais mensuráveis.

É indispensável ter consciência de que não se pode viver apenas através dos melhores ângulos de nossas vivência, mas sim, trabalhando os desafios desta um a um, sem filtros, sem edições, enxergando o Outro como um sujeito necessário à constituição do Eu, sem perder, no entanto, a própria singularidade. É preciso, assim, como na história de Carroll, ter consciência de que existe um ambien-

te relacional além do País das Maravilhas: “então, ficou sentada ali, com os olhos fechados, e quase acreditando estar mesmo no País das Maravilhas. Mas sabia que bastava abrir os olhos para que tudo voltasse à realidade enfadonha ...” (CARROLL, 2014, p. 110).

Através desta discussão, nos propomos no atual contexto, marcado pelas relações vivenciadas no ciberespaço, mais do que refletir acerca do olhar do Outro sobre o Eu no cenário digital/virtual - e os possíveis riscos que isso pode trazer - mas ponderar sobre como esse Eu enxerga a si próprio, e como suas atitudes em rede impactam a sociedade. Desta forma, propomos um uso consciente das mídias sociais, de forma que possamos navegar pelo universo fantasioso que elas nos propõem, mas tendo consciência de que estamos vivenciando o que Bakhtin (2010) chama de mundo da cultura, e sabendo que existe um mundo da vida, que é onde nossas ações e interações, sejam elas através da internet ou não, refletem-se verdadeiramente. É preciso, diferentemente de Alice, ter sempre em mente onde se quer chegar, de forma que, na atratividade de poder se apresentar das mais variadas formas, e com um convite à exposição desmedida que nossa sociedade tem realizado, não se perca a própria singularidade pelo caminho.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello; Carlos Alberto Faraco. 2ª ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAUDRILLARD, J. *À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*. 3ª ed. Tradução de Suely Bastos. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BAUMAN, Z. *Modernidade e ambivalência*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BAUMAN, Z. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Tradução de José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CARROLL, L. *Alice no país das maravilhas*. Tradução de Márcia Feriotti Meira. São Paulo: Martin Claret, 2014.

DELEUZE, G. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

ESTUDO questiona: sair do Facebook deixa as pessoas mais felizes?. *BBC*, 22 nov. 2016. News Brasil. Disponível em: < <http://www.bbc.com/portuguese/geral-38024520>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

G1. Facebook diz que coleta de ligações e SMS foi liberada por usuários e não vende dados a terceiros. *G1*, 26 mar. 2018. Economia. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/facebook-diz-que-coleta-de-ligacoes-e-sms-foi-liberada-por-usuarios-e-que-nao-vende-dados-a-terceiros.ghtml>>. Acesso em: 26 mar. 2018.

JENKINS, H. *Cultura da convergência*. Tradução de Susana L. De Alexandria. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, P. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu Da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, P. *O que é o virtual?* Tradução de Paulo Neves. 2ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.

MARTINEZ, V. C. *Estado de exceção e modernidade tardia: da dominação racional à legitimidade (anti) democrática*. 2010. 421 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

MARX, K. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MOURA, M. I.; MIOTELLO, V. Deslocando a identidade: um novo jeito de pensar a respeito de mim mesmo. In: MIOTELLO, V.; MOURA, M. I. (Org.). *A alteridade como lugar da incompletude*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.

SCHMITT, Carl. *Teologia Política*. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.

Caroline Janjacom

Mestranda em Ciência, Tecnologia e Sociedade pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); Bolsista da CAPES; Graduada em Comunicação Social pela Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP). E-mail: caroljanjacom@gmail.com

Valdemir Miotello

Professor de Filosofia da Linguagem da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: miotello@terra.com.br

VINÍCIO CARRILHO MARTINEZ

Professor associado da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pós-doutorado em Ciências Políticas. Doutor em Ciências Sociais. Mestre em Direito. Advogado. E-mail: vicama@uol.com.br

*Enviado em 30/05/2018.
Aceito em 30/07/2018.*